

**Espionagem no Pantanal: o romance ... *aquele mar seco = o Pantanal*, de Rogério de Camargo.**

Eudes Leite

Esta comunicação se ocupa da presença do militar paraguaio, Francisco Isidoro Resquin, em território brasileiro, antes da Guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-1870). A fonte tomada para a discussão é o livro ... *aquele mar seco: o Pantanal*. O romance referido contempla ainda aspectos da região pantaneira, especialmente a diversidade de sua fauna e flora, vinculando as características regionais às imagens forjadas a respeito do sertão, lugar estranho, perigoso, mas sempre sedutor.

A perspectiva teórico-metodológica se desdobra âmbito as relações entre a história e a literatura. Afastado das proposições que pressupõem a experiência literária exclusiva ao campo da arte, a presente abordagem sobre o livro de Rogério de Camargo propõe avaliar a formação de uma narrativa literária pautada na história. Entende-se neste caso que o livro em questão é resultado de uma espécie de levantamento de informações de caráter histórico e que, depois de apropriados, oferecem elementos para a construção do texto literário. A “sondagem” feita sobre as ações de Resquin ocorre a partir da personagem construída por Camargo, no livro ... *aquele mar seco: o Pantanal*, cuja publicação se deu em 1955.

Perambulando, pelo Pantanal antes da eclosão do Conflito, a personagem – Resquin ou Risquinho – elabora interessante representação acerca da região e de seus habitantes, sobretudo daqueles que o acompanham nas peregrinações interioranas, ocasião em que ele observa, registra, enfim produz um conjunto narrativo - seu relatório de viagem - a ser entregue ao governo paraguaio.

**... Aquele mar pantaneiro**

O livro escrito por Rogério de Camargo<sup>1</sup>, ...*aquele mar seco = o Pantanal*, publicado em 1955 contempla diversos aspectos ou um conjunto temático amplo. De

---

<sup>1</sup> Camargo foi engenheiro e chefiou o Serviço Técnico do Café no Brasil. Em 1938 publicou o livro “Rincões dos Andes, o que e observei na Colômbia”. Neste livro, o autor apresenta um detalhado relatório de suas andanças na Colômbia, em busca de compreender o processo de produção e comercialização do

forte pendor regionalista, o livro registra, em sua folha de rosto, logo após o título, as seguintes informações a respeito do conteúdo: “aventuras, Narrativas, ficção, segundo os fastos (*sic*) da Guerra do Paraguai”. Em seguida, outras palavras-conceitos operam o entendimento que o texto registra: “Xaráies – uma terra angustiada e de contrastes; Céu – sob um inferno tropical; Mar – num deserto em adustão”.

Informação importante é o agradecimento de Camargo, expresso a certo Luiz Rocha Guasque, *fazendeiro nas Xaráies*, quem colaborou com o autor no oferecimento de informações, colocando-se como interlocutor na feitura do escrito. Essa relação é rapidamente confirmada, com algumas palavras de Guasque, assinalando o efeito memorativo que o livro lhe provocou. Não é possível assegurar definitivamente, mas a referência a Guasque é um bom indício de que esse proprietário – um informante – detinha subsídios a respeito da Guerra e cuja origem se relaciona a histórias que circulam no Pantanal. Esse detalhe indica a importância da oralidade na formação de várias representações a respeito do conflito, que “volta-e-meia” surge nos diálogos de moradores da região. Certamente as informações oferecidas ao autor possuem vínculos com a tradição oral em cujo interior repousa uma representação a respeito da presença dos paraguaios em Mato Grosso e no Pantanal. Na mesma medida, é aceitável considerar a possibilidade de que Rogério de Camargo fez leituras de obras de caráter historiográfico acerca da Guerra e até mesmo do livro de memórias de Resquin.

*Aquele mar* contém um esforço intelectual e apreensivo sobre o Pantanal, enquanto palco de duas frentes acontecimentais, de viés histórico: a primeira diz respeito às perambulações de Francisco Isidoro Resquin, então possível comprador de terras interessado em ali se estabelecer; a segunda se dá no interior de São Paulo, ambiente em que se desenvolve a organização e o conseqüente deslocamento de uma monção em direção ao Pantanal e cuja trama e personagens insinuam outra perspectiva ou mesmo, outra trama.

A respeito da obra em questão, até onde foi possível avançar na pesquisa, não foram produzidas maiores análises que possibilitem compreendê-la no campo literário

---

café; trata-se de uma obra na qual se pode identificar o perfil de um estudioso do café, comprometido com a produção e valorização dessa mercadoria no Brasil.

ou histórico. A exceção fica por conta do breve artigo, publicado em 2004, *Mudas da narração, modos do estereótipo. O Olhar regionalista no Romance "...Aquele Mar seco: O Pantanal, de Rogério de Camargo*, escrito pela pesquisadora Maria Adélia Menegazzo. No artigo, a autora destaca a dificuldade de encontrar sinais da recepção ao livro de Camargo que mereceu uma única crítica publicada em 1956, cujo teor se referia a falta de valorização do conteúdo laudatório de ....*aquele mar seco* a respeito dos atos heroicos dos bandeirantes. A discussão desenvolvida por Menegazzo contemplou a obra enquanto portadora de representações modelares e construídas *a priori*. Sua proposta foi: [...]*ressaltar, assim, a presença de estereótipos na representação das personagens brasileiras e paraguaias que compõem o romance, restritas à primeira parte do romance, moldadas, evidentemente, sobre o senso comum da região fronteira àquela época* (p. 54).

Contendo 360 páginas, *...aquele mar seco = o Pantanal*, se desdobra em 19 capítulos, ao longo dos quais, toda a trama ocorre. A trama em cujo miolo está Resquin a ocupar a centralidade se abre a partir da introdução e chega ao sexto capítulo; após ceder espaço para os acontecimentos no interior de São Paulo, Resquin, retorna para a pauta no XIX capítulo, já na condição de militar invasor. Os Capítulos componentes do livro são os seguintes: Introdução: Candongas e Mirongas; I – Araxás do Amambaí; II – O império do mais forte; III – Aquela boca de sertão das bandas de S. Paulo; IV – Casinhas da côr branca da terra; V – Caborteiro; VI – Aquêles apitos, aqueles bufos roufenhos do vapor; VII – Foguetórios e ronqueiras; VIII – Marmanjões que não choravam às palmatoadas; IX – A pupila vermelha nos olhos aguados; X – O caminho flúvio era o mesmo – o Tietê; XI – No Guaicanga do sertão; XII – No mundo do silêncio com a neve na cabeça; XIII- Camapuã!; XIV – A Varação; XV – O Boqueirão; XVI – A soberbia da terra pantaneira; XVII – A preação; XVIII – É este o chão que eu procurava e, XIX – Guerra! Guerra!.

De acordo com Menegazzo (1997), o livro se insere no conceito da literatura regionalista dos anos 1950, marcada pela valorização do regional em que os tipos locais e a preocupação com a *linguagem regional*, além da busca pela proximidade com um tipo de realidade são marcas denunciadoras dessa produção literária. Assim,

A possibilidade de estabelecer um jogo entre a realidade e a ficção parece ser o objetivo do narrador ao apresentar numa mesma seqüência os termos *aventuras, narrativas e ficção*. Trata-se, sem dúvida, da ficcionalização de um relato, ou do relato de uma ficção, supondo-se com o termo “relato” a presença de uma voz anterior ao próprio narrador, aquela da história oficial. (p.53)

Neste momento interessa acompanhar, ainda que parcialmente, a presença de uma personagem histórica no livro, observando sua desenvoltura enquanto personagem literária, em busca de terras no Pantanal. A narrativa se desenrola a partir de uma caçada de onça, nos campos da fazenda Bocaiuva, quando Nhô Lau diz a Tonho, um de seus agregados, que o *velho Pantanal* foi palco de muitas histórias, inclusive algumas *dos tempos da guerra do Paraguai* (p. 13). Esse Pantanal é tributário da antiga, porém superada compreensão, de que aquele espaço fora um imenso mar, cuja designação se deve a presença dos indígenas de denominação Xarayés. A imagem do mar seco que principia o título denuncia a presença espectral da concepção das origens do Pantanal, enquanto decorrente de um imenso mar.

Ao chegar, a primeira impressão de Resquin provoca o repúdio por um de seus futuros acompanhantes de viagem, o chalaneiro André, quem se incomoda pelos hábitos do patrão, alguém que para escovar os dentes, utilizava-se de um pó com cheiro de aniz, feito pelos beneditinos da abadia de Soulac. O Estranhamento do chalaneiro com o patrão relacionava-se com a sua índole pouco afeita a ouvir ordens e, menos ainda, em cumpri-las. Aquele seu patrão, um paraguaio sempre preocupado em anotar informações sobre os lugares, ocupava-se especialmente de um mapa, sobre qual fazia borrões e riscos, motivando a curiosidade de André, individuo alheio ao universo da escrita gráfica:

*-Mapa de gringo só gringo entende – resmoneava de si para si o chalaneiro. (p. 29). Lápis de várias cores corriam sobre aquela imagem dos espaços pantaneiros: Era pois, aquela mordente vontade de avivar roteiros sobre os traços fantasiosos do papel litografado por Arrowsmith e Co., em 1850, na Inglaterra (p.29).* Mas o estranhamento também se liga aos mecanismos distintos de representar a geografia do lugar. O mapa de Resquin contrastava com a memória visual do chalaneiro, construída a partir de sua longa experiência nas andanças por aquelas terras encharcadas.

No contexto da cultura local, a contradição se apresenta no fato de que a região se conhece a partir da experiência, ou seja, decorre dos deslocamentos que os sujeitos realizam sobre ela. Para André, os caminhos estavam desenhados em sua memória e os registros ou indicadores do espaço foram assimilados após vários anos se movimentando por áreas de difícil acesso. Seu mapa estava registrado na memória pessoal e pouco se diferenciava da experiência enquanto forma de vida numa região em que a enchente é uma espécie de outra parte da própria seca.

Mas quanto a Resquin, importava-lhe escrever detalhes da viagem, perseguindo entortar em suas palavras as emoções e impressões desenvolvidas, para serem entregues ao grande amigo, soberano no Paraguai. Terra e gente mereciam a atenção do atento viajante: pautadas por suas anotações emergiriam decisões importantes em Assunção. Por isso, amofinava-se em alcançar a alma daquelas pessoas, intentava conhecer a profundidade de sua índole e sua resistência. Desafiava-lhe a angústia de fabricar uma imagem cartográfica em que homem e espaço figurassem de maneira convincente.

Nessa tarefa antropológica, o comprador de fazenda revela o seu encantamento acerca da rusticidade e o silêncio do homem do lugar, características aliadas à liberdade que a imensidão do território lhe possibilitava. É no interior de sua leitura que habitava a preocupação com a reação do homem local: *Um pantaneiro não se deixaria empolgar, de pronto, pelos acenos alvissareiros que lhe vem de fora* (p.31).

A partir da escrita de Camargo encontramos uma personagem -Resquin- profundamente preocupada com o *ethos* do homem pantaneiro; um ser peculiar, de complexa caracterização, tal como percebido por Resquin: *Dizer de sua índole, da organização de sua vida mental, de sua ambição. Ou, então, dizer de sua singeleza ou de sua rusticidade; de seu desprendimento ou, quem sabe! De seu apego a terra* (p. 31). O conceito que deveria ser tratado e exposto no Relatório, a ser exposto em Assunção, era ao de “raça”, considerando o exemplar pantaneiro. Um tipo que [...] *sintetiza os traços fortes do titã, apagado talvez do resto do mundo, e que longe de exteriorizar a vida sacrificada, desfaz-se, ao contrário, na generosidade inata e na espontaneidade*

*brejeira de quem parece ter vivido somente o lado bom e agradável da existência...* (p. 38)

Na compreensão de Resquin, o pantaneiro conciliava características fortes e aparentemente impossíveis de se fazerem presentes em um só tipo. Modelo representacional de identidade forjada a partir da experiência na viagem, o perfil do homem pantaneiro provocava dúvidas em Resquin, quem definira seu eixo de observação a partir das características geográficas e do homem local. Para aquele homem que precisava anotar, descrever o outro e o ambiente, a tarefa de se aproximar, apreender e explicar a essência dos locais representava o trabalho de maior envergadura na medida em que disso dependeria as decisões a serem tomadas pelo Comandante de Assunção.

### **Don Izidoro Resquin**

Viajante e visitante; homem observador, sempre interessado em detalhes dos lugares, Resquin é um candidato a *sesmar uma fazenda de criar* (p. 49) no Pantanal. Espécie de polígrafo a palmilhar o Pantanal, auscultando, avaliando, expressando comentários sintéticos e estranhos aos seus acompanhantes, Resquin preenchia o perfil do visitante “ilustrado”, portador de uma erudição alheia àquela gente pantaneira. Sua perseverança nas anotações no caderno e nos *rabiscos* aplicados sobre aquele mapa compunha a representação que o Chalaneiro André progressivamente e de forma admirada elaborava. A vestimenta fina, o uso de cosméticos e perfumes imbricava-se ao comportamento enunciador de respeito e sobriedade, aspectos que se mesclavam à sisudez ao manusear o “podometro”, uma engenhoca singular e provocadora de curiosidade. Estranho instrumento revelador da ânsia de tudo medir e quantificar o mundo conhecido por André a partir de outros mecanismos, qual seja, outro tipo de saber alicerçado em sua vivência nas localidades: *E porque “chalaneiro”, num imenso pantanal, o caboclo não conhecia outras regiões, nem piores, nem melhores.* (p. 44).

Aquela “mania” de tudo medir e anotar ainda pouco alimentava suspeitas. Tratava-se de uma prática pouco usual, mas era uma mania tão somente e que associada ao estranhamento do idioma e do nome garantiram a elaboração de uma definição para o *outsider*: D. Izidoro Risquinho. (p. 51). A prática escriturária, matizada por marcas,

traços e riscos alimentou a nova referência ao chefe da expedição, inicialmente sem que ele percebesse os sentidos que André conferia as seus procedimentos investigativos. Resquin observava, avaliava e anotava; André observava e ruminava, construindo e colocando sentidos sobre os atos e o comportamento de seu patrão.

Don Izidoro chamava atenção de quem o avistava; na então pequena vila de Corumbá, sua presença colaborava para a construção da imagem acerca do homem importante, amigo de *El Supremo, o ditador do Paraguai*. A figura vistosa circulava a cavalo pelas ruas da vila, compondo uma imagem sincrônica em que o cavaleiro e o cavalo estruturavam a figura do cavalheiro elegante e educado, sempre pronto a ser gentil com aqueles que a ele se dirigiam. Assim: *O sr. Resquin viera de Assunção com aquelas muito suas cordialidades e não poucas insinuações sobre as suas riquezas de homem de negócio. Aquilo, na verdade, impressionava o espírito simples e ingênuo dos maiores da vilota. (p. 81).*

Suas andanças pelo Pantanal sob o argumento de encontrar boas terras para comprar contribuíram para que a imagem de homem de posses criasse muitas expectativas logo após sua partida. E ao retornar à Assunção, ficara a imagem do homem de “fino trato”, um homem praticante de atos e gestos fidalgos, comportamento quase sempre merecedor de admiração. A personagem, em sua movimentação provoca estranhamentos: Resquin é alguém cuja presença e comportamento se distingue dos *locais*, não sem expô-los em suas singularidades cotidianas. Resquin não é um morador local, mas seu comportamento promove uma ligação em que os contrastes implicam em percepções indicadoras da cosmovisão do visitante e do habitante pantaneiro, representado, sobretudo, por André.

Quase ao cabo do Romance, reencontramos Don Izidoro Resquin, em seu retorno as terras pantaneiras, já sob novas circunstâncias, liderando as tropas paraguaias na invasão a Mato Grosso.

Para André, o chalaneiro agora trabalhando para outro patrão, o retorno de Risquinho cumpria uma promessa, mas também colocava abaixo a figura do homem educado e gentil: *Agora é que estou imaginando. O home, não queria é mermo nada, quanto mais fazenda! Êle queria era fica vaqueano neste mundo do Brasil. Dôno de*

tudo, sem compra. Que maganão! Bem que ele me disse, uma vez: ‘que um dia havia de volta, com milhares de paraguaios que o amigo dele havia de lhe fornecer p’ra a empreitada dos alambrados e da porteiras. (p. 351). O amigo distante, já fora mencionado muitas vezes antes, no curso de avaliações e reflexões de Resquin, mas pouca atenção chamava nos interlocutores. Solano Lopez, o *soberano* guarani era uma figura distante, sobre quem se tinha informações limitadas e pouco precisas.

A obra escrita por Rogério de Camargo também destaca, enquanto narrativa literária o Pantanal, entretanto, mais do que nos trazer descrições detalhadas da natureza da região, o texto indica traços do imaginário e representação do literato. Espantando com o ambiente e com a história, Camargo deixa entrever o que permeava o pensamento da sociedade urbana a respeito da região: um ambiente formador de homens de caráter rude, mas devotados à liberdade. Sua leitura não escapa aos modelos classificadores da primeira metade do século XX, principalmente quando sublinha a importância do “nativo” como modelo resultante das condições da região. Rogério de Camargo, autor de outros escritos sobre cafeicultura publicados entre 1929 e 1953, reproduz convictamente as práticas intelectuais que, a exemplo de Euclides da Cunha, produziram leituras acerca do “sertanejo”, neste caso o pantaneiro, como um ser peculiar e exótico, dotado de uma humanidade estranha, mas forte.

A tarefa de compreender melhor a história do escritor Rogério de Camargo tem sido infrutífera, senão pelas poucas informações contidas no livro. Outras informações, muito mais indiretas, decorrem da própria narrativa ao evidenciar um conjunto de detalhes sobejamente registrados na historiografia que trata da Guerra da Tríplice Aliança ou obras pertinentes aos estudos da região mato-grossense. A caracterização, ou a atribuição de uma identidade às personagens de *...aquele mar seco = o Pantanal* foi realizada provavelmente após o autor recolher um conjunto representativo de informações sobre lugares, pessoas e fatos.

É relevante apontar que Camargo anuncia, na última folha do livro, a publicação futura de outro escrito, cujo título seria “A Guerra no Pantanal”. Por conta de certa rapidez empregada no último capítulo instantâneo em que Resquin

volta ao Pantanal na condição de comandante das tropas paraguaias, é possível inferir que esse novo livro, a respeito do qual não se pode afirmar sobre sua existência, traria como fenômeno central os episódios do conflito em palco pantaneiro.

### **A guerra e Francisco Isidoro Resquin.**

O fundo histórico, de onde são retiradas muitas informações e fatos é o grande conflito armado da América do Sul do século XIX, a Guerra do Paraguai também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança, conflito em que Francisco Isidoro Resquin se tornou personagem de grande importância.

O futuro General Resquín nasceu na cidade de Assunção, capital do Paraguai, em 1823, com pouco mais de vinte anos de idade já fazia parte do oficialato do exército paraguaio. Antes do início do conflito com o Brasil, foi enviado à Concepcion, cidade paraguaia localizada às margens do rio Paraguai, com a finalidade de aí instalar e organizar uma unidade de cavalaria. Quando eclodiu a Guerra, Resquin era coronel do exército. Servir em Concepcion marcou a carreira do futuro General Francisco Resquin, pois foi dali que partiu no comando de uma expedição que entraria no Brasil, por Bela Vista.

O conflito armado envolvendo o Império Brasileiro, a República Argentina, a República Uruguaia e o Paraguai é um acontecimento relevante para a história dos quatro envolvidos e da América do Sul. Esse acontecimento deixou marcas profundas na história da região, afetando diretamente na definição posterior das fronteiras nacionais entre países os envolvidos. Implicou ainda na formação da identidade nacional, principalmente de paraguaios, argentinos e uruguaios, uma vez que a Guerra adquiriu significado de “divisor de águas” entre as repúblicas de colonização espanhola. No Império Brasileiro, as referências à Guerra são múltiplas, mas sua ocorrência em áreas distantes da capital oportunizaram a construção de representações nem sempre próximas ao que acontecia nos campos de batalha.

## Referências e Fontes

BEVERINA, Juan. **La Guerra Del Paraguay (1865-1870)**. Buenos Aires: Talleres Graficos Buschi. [1921]. 1943. Biblioteca Del Suboficial.

CAMARGO, Rogério de. ... **aquele mar seco: O Pantanal**. São Paulo: Cupolo Ltda, 1955.

CAPDEVILA, Luc. **Uma Guerra Total: Paraguay, 1864-1870**; ensaio de História Del Tiempo Presente. Asunción/Buenos Aires/Montevideo/México: Editorial SB, 2010.

DECCA, Edgar S. de; LEMAIRE, Ria (orgs.). **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura**. Porto Alegre/Campinas: EdUFRGS/Edunicamp, 2000.

**Declaracion del General Francisco Isidoro Resquin**, Geje de Estado Mayor del Ejército Paraguayo, prestada em el Cuartel General del Ejército Brasileiro em Humaitá el 20 de Marzo de 1870. Colección Enrique Solano Lopes- Biblioteca Nacional de Asunción.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra; nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Cia da Letras, 2002.

FERREIRA, Celso. Literatura. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla B. e LUCA, Tânia R. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 61-91.

FERREIRA, Antonio Celso. **Historia e Literatura: Fronteiras Móveis e Desafios Disciplinares**. POS-HISTÓRIA, ASSIS, v. 4, p. 23-44, 1996.

MENEGAZZO, Maria Adélia. Mudanças da narração, modos do estereótipo. O olhar regionalista realista no romance "...aquele mar seco: o Pantanal", de Rogério de Camargo. In **Papéis**; Revista de Letras. Campo Grande: Edufms, 2004. p. 52-57.

RESQUIN, Francisco Isidoro. **La guerra del Paraguay contra La Triple Alianza**. Assunción: El Lector, [1875] 1996.

WHIGAM, Thomas. **La Guerra de La Triple Alianza**; Causas e inícios del mayor conflicto bélico de América del Sur. Vol. 1. Assunción: Taurus, 2013.

